

# ESCRITOR E CRIAÇÃO: *POIESIS* DO ABSOLUTO

**Discurso de Posse pela Acadêmica  
Olga Maria Castrillon Mendes  
Na Academia Mato-Grossense de Letras  
Cadeira Nº 15**

Excelentíssimo Senhor Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras Ac. Eduardo Mahon;

Excelentíssima Senhora Professora Dra. Maria do Socorro de Sousa Araújo, Diretora da Faculdade de Ciências Humanas, neste ato representando a Magnífica Reitora da UNEMAT, Profa. Dra. Ana Maria Di Renzo que me honra, tanto pela representativa institucional, como pela presença amiga;

Excelentíssimos Senhoras e Senhores Acadêmicos a quem empenho efusiva gratidão pela forma como me recebem nesta Casa de Letras;

Digníssimas Autoridades presentes e representadas;

Querida família, baluarte da minha caminhada até aqui e alhures;

Queridos colegas professores e alunos da Universidade do Estado de Mato Grosso e queridos amigos;

Confrades do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres, parceiros dos trabalhos pelas causas culturais do município;

Caríssimos presentes que prestigiam esta cerimônia de posse, atendendo ao convite desta Academia.

Sintam-se todos parte do carinho com que foram pensadas estas palavras.

Começo com uma imagem – a ansiedade simbólica de uma flor levada pela fonte, no belo (e conhecido) poema romântico de Vicente de Carvalho – cujo sentido inexorável da vida repercute no leitor.

#### A FONTE E A FLOR

"Deixa-me, fonte!" Dizia  
A flor, tonta de terror.  
E a fonte, sonora e fria  
Cantava, levando a flor.

"Deixa-me, deixa-me, fonte!"  
Dizia a flor a chorar:  
"Eu fui nascida no monte...  
"Não me leves para o mar."

E a fonte, rápida e fria,  
Com um sussurro zombador,  
Por sobre a areia corria,  
Corria levando a flor.

Venho, assim, acompanhada pela ansiedade dos rituais de iniciação, das breves cenas que sucedem e se confundem no ato da escrita, da simbiose de sentimentos, dos impactos das manifestações cotidianas da vida, presentes num encontro, no diálogo, no abraço ou no aperto de mãos.

No torvelinho de memórias, entre homens e mulheres que formam nosso acervo de leitura e pesquisa, co-existem acontecimentos que secretam intuições, sensações, símbolos, imagens, contaminações, nervosamente tecidos. Retalhos que se juntam em escrituras do chão mais íntimo, que unem vozes como aquelas do poeta Silva Freire, Acadêmico de renomada obra, do chão mais íntimo: “a terra, o pasto, o túmulo!”, acompanhado pela resposta de Natalino Mendes, feita do mundo novo, construído pelo mundo-de-todo-dia. Entre ele, o Poeta, o co-Operador de palavras e sentidos<sup>1</sup>.

A cena construída entre o humano e o estético tem um secreto motivo: a *poiesis* em busca do absoluto, o “religare com o cosmo”, nas palavras daquele me recebe aqui, Ac. Moisés Martins<sup>2</sup>. A aparência simples de um ritual iniciático, como o da flor levada pela fonte, reveste-se de intensidade, ganha mais que lucidez. Faz-nos contemplar e viver uma amplitude cósmica, paradigma do humanístico, que se materializa em atos simbólicos.

---

<sup>1</sup> In: MENDES, Natalino. *Discurso de Posse na AML*, em 6 de março de 1987.

<sup>2</sup> Cf. *Do Cerrado, Pantanal ao cosmo; um passeio poético*, (2008, p. 185).

Pergunto-me, então, que secretos motivos me conduziram até às portas desta quase centenária Casa de Letras, morada simbólica dos que se tornaram imortais pela criação, pela arte, pelo poder da argumentação e pelo estudo?

A secreta ansiedade plasmada pelo canto telúrico que embalou o berço, plantou a semente, fincou a raiz, fez produzir a seiva que vivifica o espírito, colocando-nos entre palavras de fogo, muitas vezes sagradas. A secreta ansiedade está determinada por faróis balizadores de homens e mulheres dotados de integridade aliada às asperezas da vida, características que enriquecem o Ser, pleno da própria natureza e com capacidade de preencher a natureza do outro. Não só a capacidade de ver, mas o *como* ver freudiano: “não somos apenas o que pensamos ser, somos mais: somos também, o que lembramos e aquilo de que nos esquecemos; somos as palavras que trocamos, os enganos que cometemos, os impulsos que cedemos... “sem querer”<sup>3</sup>.

Desvelo, portanto, o ato simbólico de que estou revestida, neste momento em que sou conduzida à Cadeira N. 15 da Academia Mato-Grossense de Letras, e revejo o meu percurso de pesquisadora, quando me encontro entre livros e documentos que me levaram a reconstruir a memória e o universo criativo dos seus ocupantes. Não sou poeta, mas sou achada pelas palavras. Escrevo sobre o que leio. Sinto a alma dos poetas, das personagens. Reinvento imagens e recrio conceitos. Mas meu instrumento é (e sempre foi) a palavra sedenta de vida renovada, repensada no universo dos significados e imagens, pois à função fabuladora compete inventar o mundo e as pessoas.

Por esse caminho recriador, tenho aceitado os desafios de acreditar no poder transformador da palavra, na fruição dela, posta no desejo barthiano de ser possuída por ela. Escrever é um ato de fé, de entrega, de despojamento: o poema “abriu o roupão pra mim. Ele deseja que eu seja”<sup>4</sup>. É impulso, é exorcização dos fantasmas ao mesmo tempo em que são os mistérios ocultos das imagens, metáforas e símbolos que salvam o escritor. Tanto os poetas, quanto os críticos participam do mesmo mundo que inevitavelmente se revê e se refaz, construindo a própria história.

A literatura tem feito parte da minha vida de professora, de leitora, de analista e pesquisadora, buscando sempre a amplitude dos escritores locais

---

<sup>3</sup> In: [www.andreamansur.com.br](http://www.andreamansur.com.br)

<sup>4</sup> Cf. Manoel de Barros. *Livro sobre nada*.

para além do sentimento de pertencimento. A palavra inventa o futuro, retoca o passado e é viva no presente, oferece-nos o risco do vôo (o “voar fora da asa”<sup>5</sup>) e da viagem. É brinquedo, mesmo quando bélica.

Caros Acadêmicos, escolhida pela maioria deste Sodalício, aqui estou como um símbolo: da minha bicentenária Cáceres e desta quase centenária Casa de Letras. Pelo duplo movimento da histórica simbologia, deposito aqui as armas com as quais aprendi a lutar: as palavras, e pelas quais declaro a minha profissão de fé na sua força arrebatadora e no seu poder construtivo e transformador. A magia do símbolo, portanto, não está apenas na sua representação, mas no ritual de passagem, da mesma forma como somos passageiros do tempo e como personagem da nossa própria história temos um papel social importante e comprometedor: discutir a relação entre o nosso trabalho e a ética no mundo contemporâneo. A ética como condição de pensarmos o que nós queremos deste mundo, o que estamos produzindo como mundo, pois estamos inviabilizando a condição de outros viverem nesse mundo, ou seja, de outros terem história e esse é um alerta fundamental para os historiadores, como diz Manoel Salgado Guimarães, um alerta para todos os pensadores, os intelectuais conscientes do seu papel. É preciso estabelecer formas de contatos com o outro<sup>6</sup>, livre das sorateiras vaidades humanas.

Investida desses valores básicos que trago do berço é como uma despretenhosa, mas produtora viajante de passagem que me apresento, desejava de arrebatador o conhecimento que aqui flui.

Por isso, peço licença para, humildemente, aprender no exercício da partilha e oferecer à sociedade o fruto desse trabalho, num abrangente horizonte de possibilidades e de reflexão.

O que me conduziu até aqui está embasado em dois motivos: o primeiro profissional, num momento em que me encontro nas penúltimas horas das minhas atividades docentes na Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT e vislumbro, nesta Casa, rara oportunidade de permanecer

---

<sup>5</sup> Idem. *Livro das ignorâncias*.

<sup>6</sup> Reflexões do saudoso Manoel Salgado Guimarães, historiador e professor da UERJ e da UFRJ, retomadas da entrevista na Revista de História da Biblioteca Nacional, de 2/10/2009. [Revistadehistoria.com.br](http://Revistadehistoria.com.br), acessada em 9/1/2015.

ligada a uma Instituição cultural e de pesquisa que me manterá atendida pelas profícuas relações acadêmicas.

O segundo motivo liga-se ao desejo (e até orgulho) pessoal de suceder, na Cadeira nº 15, aquele que foi em vida (e continua em alguma estrela) a me acompanhar com seu brilho singular: o meu pai-amigo-leitor-orientador e Mestre, Natalino Ferreira Mendes. Por alguma razão que ainda desconheço recebia eu, nos seus últimos tempos entre nós, o incentivo para que repensasse sobre esta possibilidade. E aqui estou, não para substituir, mas para, simbolicamente, sucedê-lo, o que nos coloca em situação de auto-avaliação e avaliação do percurso de grande parte de uma vida a serviço da educação literária que é, ao mesmo tempo, a postura perante o incerto, mas necessário devir. Sucedê-lo tem para mim significado especial, impossível de expressão verbal. Nele sobressai a mansidão e a ternura de um filósofo, herança, talvez, dos ancestrais; nele, as qualidades de elevado estilo natural, com toques de nobreza, carregados de beleza espiritual, próprios do homem simples de coração e atitudes. A mim me coube suceder o nome, mas não o homem, alçado à imortalidade pelo que construiu no coerente exercício da vida e no eficaz labor do verbo.

Talvez tais motivos não sejam suficientes para suprir as necessidades requeridas por esta Casa e pela sociedade, mas foram os que me mobilizaram no contato com o seu acervo e inéditos que me foram confiados e que aguardam estudos, principalmente, sobre o seu papel enquanto intelectual no interior de Mato Grosso. Um intelectual que, no embalo telúrico da inexorável correnteza do histórico rio Paraguai, acreditava como Tolstoi, que para conhecer o mundo é necessário primeiramente, conhecer e falar de sua vila, como retoma o imortal Rubens de Mendonça no prefácio à obra *História de Cáceres*, de 1973.

Sua voz ressoando em mim me mostrou uma academia diferente e possível, passível de um espaço de produção, em meio a um rico acervo e entre pessoas com quem vale a pena partilhar. E aqui estou, com a vontade juvenil e os olhos infantis, transcendendo meu próprio eu, na busca da experiência da palavra e de seu poder transformador, com a mesma ansiedade poética da flor sendo levada pela fonte.

Ao trazer a figura do meu pai Natalino faço-o com sentimento de celebração dos mistérios, tanto da vida quanto do seu oposto, a morte; da renovação e do poder divino que nos tornam mais sensíveis aos segredos que exalam do etéreo sistema do universo. Relembro-o como uma fulgurante luz que jamais se apagará nos nossos corações e no coração daqueles que virão depois de nós. Mas também revejo-o como o homem que viveu com intensidade e soube compor o ciclo vital: de menino, do homem, professor, pai, pesquisador, funcionário público e amigo, parceiro das conversas ao pé do morro, no acalanto do luar da bocaina, à beira do rio Paraguai, na varanda da casa do Angical onde passamos os melhores e mais descontraídos momentos. Certamente ele pôde dizer, como o apóstolo Paulo: “combati o bom combate, venci, não perdi a fé”, palavras repetidas por Dom Vilar, à beira do seu esquife, num simbólico ato de finalizar as últimas parcerias na construção da Revista Centenária da Diocese de Cáceres. Continuamos nós também a professar essa mesma fé que atinge a crença na humanidade, no sentimento de partilha, na firmeza do caráter, na amizade sincera. Ao deixar-nos, legou-nos histórias de vida, o sentido do amor e a plenitude do Ser – aquele capaz de ouvir e entender estrelas, como no belo poema de Bilac, de 1888:

"Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo  
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,  
Que, para ouvi-las, muita vez desperto  
E abro as janelas, pálido de espanto [...]

Nessa necessidade histórica de auto-compreensão, acesso o mundo a partir da Vila Maria do século XVIII, surgida da presença de Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, o 4º Capitão-General da Província de Mato Grosso, do tempo da demarcação das fronteiras entre Cuiabá e Vila Bela; da cata do ouro e da preação do indígena; das posteriores entradas bandeirantes e Expedições científicas; do comércio da poaia com o mundo, das figuras lendárias do poaieiro, do sertanejo e do boiadeiro. Entre as fechadas matas e o feraz Pantanal a terra produz e se estende pelos vastos campos de agricultura e pecuária. O Brasão inserido na Bandeira cacerense anuncia sua vocação: Presente = AD SUM.

Em muitos aspectos a cidade se transformou, sofreu as crises do abandono e a sua tradição bicentenária grita pela recuperação do seu

patrimônio material e imaterial. Novas investidas e novas posturas clamam por atitude cidadã e projetos verticalizados, como os que já acontecem relacionados ao Patrimônio Histórico da cidade.

Senhores Acadêmicos, caros amigos. No delírio ou no espanto é que vejo a AML abrindo os seus braços para mim e eu me entrego nesse elã fraterno e me ofereço ao labor do devir promissor do aconchego do espírito. Ao fazê-lo venho conduzida pelo verbo manoelino do criangamento das palavras, madurez de alma, tateando nos ariticuns, receando e vibrando pela fruição do verbo. No princípio e no delírio do verbo. No meu percurso de produção intelectual esse delírio é ainda contido pela ciência da língua, pelo contato árido das análises, mas dessa forma é que tenho sentido a vibração que me liga à busca dos sentidos de/sobre Mato Grosso.

Essas experiências que se sobrepõem de forma muitas vezes irreconciliáveis, demandam busca incessante da nossa função enquanto escritores e poetas, estas antenas da raça (Pound) em cuja representação social tem recaído a forma de pensar o mundo como um produto transnacional, acessado a partir do *lócus* enunciativo de cada um, como fala o pesquisador uspiano Benjamin Abdala Júnior.

Questões como quem somos? De onde viemos e para onde vamos? me acompanham desde que, numa dedicatória paterna da primeira edição da *História de Cáceres* foi-me dada a refletir sobre os sentidos da vida. É por ela que busquei criar uma linha de compreensão dos ocupantes da cadeira n. 15 desta AML.

Quem foram Joaquim Mendes Malheiros, Augusto Cavalcanti de Melo, Francisco Alexandre Ferreira Mendes e Natalino Ferreira Mendes, seu último ocupante?

Assumiram a Academia, envergando a bandeira da cultura, personalidades que dedicaram uma vida inteira ao labor intelectual, entremeado por altos cargos na Administração Pública, nas esferas Municipal, Estadual e Federal. Incansáveis pesquisadores e profícuos auto-didatas da tradição cultural de Mato Grosso.

Todos constituíram paradigmas, tanto como estudiosos, quanto como filósofos-professores, cada qual em suas diferenças e em sua historicidade. No

percurso de cada um deles subjaz a ideia de ciclo, encenado em atos individuais. São representantes de várias gerações, sedimentadas desde a primeira metade do século XIX.

Em suas particularidades, representam, ao lado de todos os outros que compõem a vasta galeria desta Casa de Letras, a rica vida intelectual de Mato Grosso nos caminhos da pesquisa que levam à compreensão do papel social e a consequente (e necessária) socialização das obras aqui produzidas.

Há entre eles uma explosão de sentimentos e reflexões que entram na composição da busca de uma identidade cultural em que o percurso proporciona revisão, olhar sobre o outro, para a tradição, o devir pelo ser/estar, o *hic et nunc* (aqui e agora), mesmo diante da finitude humana e muitas vezes causa da sua frágil infelicidade.

Então, trazer a tradição e a memória diante dessa fragilidade é participar da aridez do velho com a avidéz do novo – reler o passado pelos lugares de memória para reinventar, preencher lacunas, reescrever e participar. O olhar de hoje que aponta erros e acertos, mas principalmente reescreve a história, recuperando aquilo que foi deixado de fora, como se coloca o lema do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres/IHGC, criado em 2002, como parte do Projeto de Interiorização do IHGMT, na gestão do Acadêmico João Carlos Vicente Ferreira.

Adentro, portanto, um lugar em que a história encontra-se em constante devir; nunca acaba ou se completa. Nesse precário mundo, mobilizamos memórias. Por elas tracei a linha de sucessão da cadeira n. 15.

E o que se desenha para nós? Quatro nomes ligados por uma coerência de produção e de comportamento, formando uma rede discursiva que une pontos distantes, todos compondo a diversidade cultural brasileira, cujo foco, para nós, tem sua gênese em Mato Grosso.

Como Mato Grosso aparece nesse cenário ao mesmo tempo uno e díspare? Que imagem se construiu ao longo da quase centenária presença da AML somente através dos ocupantes desta cadeira que, de forma responsável e produtiva, passo a ser parte?

Escorre do espírito e da pena dos meus antecessores um desejo incontido, ao mesmo tempo, de uma profissão de fé e um lugar imparcial de como tradição e identidades estão expressos como atitudes humanas,



inevitavelmente, disseminadoras de valores humanos. Buscam o ordenamento do passado em variadas formas do discurso pelo qual se dissemina o entendimento do sistema global em que a cultura de Mato Grosso é uma peça significativa na cartografia nacional.

Por quase um século assumiram a Cadeira n. 15, envergando a bandeira da cultura, personalidades que dedicaram uma vida inteira ao labor intelectual, entremeado por altos cargos na Administração Pública, nas esferas Municipal, Estadual e Federal. Incansáveis pesquisadores e profícuos autodatas da tradição cultural de Mato Grosso, todos constituíram paradigmas, tanto como estudiosos, quanto como filósofos-professores, cada qual em sua historicidade. No percurso de cada um deles subjaz a ideia de ciclo, encenado em atos individuais. São símbolos de várias gerações, sedimentadas desde a primeira metade do século XIX.

Fazem parte, portanto, da galeria de intelectuais que construíram uma forma de ler o mundo e, coerentemente, vivê-lo numa temporalidade cósmica que os atravessa e os ultrapassa. Preencheram, com grandeza da alma e talento, um espaço absolutamente próprio para o seu tempo, sedimentado pelas conquistas que surgem das duras experiências da vida. Por isso foram homens discretos e firmes, instruídos na ciência e educados na consciência. Criaram para si, valores que os transformaram em memória digna. Biografias que educam e proporcionam reflexão. Em suas particularidades, representam, ao lado de todos os outros que compõem a vasta galeria desta Casa de Letras, a rica vida intelectual de Mato Grosso nos caminhos da pesquisa que levam à compreensão do papel social e a consequente (e necessária) socialização das obras aqui produzidas. Basta apenas que, nas palavras de Natalino Mendes, “afinemos as cordas da nossa compreensão para reconquistar a justa harmonia ainda neste mundo”<sup>7</sup>.

### **Joaquim Mendes Malheiros: o patrono (\*Cuiabá, 30/03/1830; + RJ ?)**

Nos poucos dados biográficos a que tivemos acesso, encontramos que o Dr. Joaquim Mendes Malheiros nasceu em Cuiabá, em 1830, tendo sido encaminhado pelos pais, Joaquim Mendes Malheiros e Maria Madalena de

---

<sup>7</sup> Palavras de incentivo à criação histórica de Hugo Studart por Natalino Ferreira Mendes, em correspondência virtual.

Mesquita para a Faculdade de Direito de São Paulo. Conseguiu se projetar, tanto na vida pública, como Deputado pela Província de Mato Grosso e Juiz Municipal, em Cuiabá, quanto como professor na Escola Militar do Rio de Janeiro. Desenvolveu aptidões para línguas estrangeiras, filologia, música e artes plásticas<sup>8</sup>.

Como Juiz Municipal do termo de Cuiabá sofreu, em 1857, um atentado injusto, como diz Ferreira Moutinho em sua *Notícia sobre a Província de Mato Grosso*: “Uma das intelligencias mais notáveis - nobre e honrado como deve sê-lo um juiz imparcial e recto, sofreu uma injustiça revoltante de que a historia não tem outros exemplos [...] nobreza de sentimentos, notabilidade [...]. O Dr. Malheiros honrará sempre a província onde estiver [sic]. Seus conhecimentos foram adquiridos por longos anos de fadigas nas academias [...]”<sup>9</sup>.

Certamente Mendes Malheiros garantiu aspectos de sua biografia gravados na memória dos amigos e conterrâneos que o admiravam. Uma boa forma de registro histórico-social, sem os quais teria sido impossível trazê-lo neste momento em que se celebra a memória destes antecessores.

### **Augusto Cavalcante de Melo: o primeiro na linha de sucessão**

Menos referenciado, mas com um importante acervo literário a ser pesquisado, é o alagoano que sucedeu o Dr. Joaquim Mendes Malheiros na Cadeira N. 15.

Nasceu na Comarca de Passo de Camaraxibe, em 1864 da união entre os agricultores Manuel Cavalcanti de Melo e Maria Pastora Cavalcanti de Melo. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Recife, tendo sido Desembargador do Tribunal da Relação de Mato Grosso. O conjunto de sua

---

<sup>8</sup> Cf. *Dicionário biográfico de Mato Grosso*, de Rubens de Mendonça (p. ----); *Figuras e coisas da minha terra*, de Firmo Rodrigues (p. ----), *Os primeiros bacharéis de Mato Grosso*, de José de Mesquita (p. ----) e *Discurso de posse na AML*, de Natalino Ferreira Mendes (p. 15). No Dicionário Biográfico registrou-se a cidade do Rio de Janeiro como sendo o local de seu falecimento. No entanto, a Revista comemorativa aos 90 anos da AML (1921-2011), traz a cidade de Cuiabá, também em data não conhecida (Cf. Revista 90 Anos – AML. Cuiabá, 2011, p. 74).

<sup>9</sup> In: Joaquim Ferreira Moutinho. *Notícia sobre a província de Matto Grosso* seguida de um roteiro da viagem da sua capital a São Paulo. São Paulo: Typographia de Henrique Schroder, 1869, p. 338-9. No Tomo VIII. N. 1, outubro, novembro e dezembro, da Revista do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros/Instituto dos Advogados Brasileiros, encontro a matrícula n. 56 de Joaquim Mendes Malheiros no quadro dos membros efetivos do Instituto, segundo a ordem de antiguidade das matrículas. RJ: Typographia Presença, 1870, p. 137. Cf. <https://books.google.com.br>

obra, conforme registrado, compõe-se de poemas e peças teatrais escritas, entre as décadas de 1920 e 1950, sob o pseudônimo de D'Archangelus: *Capanema* (1922); *O Avaro* (comédia em 5 atos); *O Leão cativo* (1922); *A morte da águia* (1924); *O Galgo e o Mastim* (1924); *Elogio e Veiga Cabral* (1926); *Na Academia* (1926); *O Amor assassino* (1926); *Xaraés* (1927); *Drama floral* (1927); *A visão de Caim* (1927); *Da imitação de Cristo* (1928); *O assalto do castelo e o barão normando* (1928); *A morte de Gilliat* (1930); *O impostor* (1930); *22 de julho de 89* (1934); *Da leitura da escritura santa* (1935); *A beleza da mulher* (1951)<sup>10</sup>.

Ressalta-se a quantidade de textos inexplorados, cujos títulos chamam atenção pela temática: a religiosa (*A visão de Caim, Da imitação de Cristo, Da leitura da escritura santa*); a histórico-social (*Capanema, Na academia, O amor assassino e 22 de julho de 89*), a intertextual (*O avaro, O leão cativo, A morte da águia*) e a ficcional (*Drama floral; O assalto do castelo e o barão normando; A morte de Gilliat, o Impostor*) que, certamente virão à luz pelas mãos de especialistas em literatura e dramaturgia, como do conterrâneo, acadêmico Agnaldo Rodrigues da Silva por quem dedico crescente amizade e admiração constante.

### **Francisco Alexandre Ferreira Mendes: nos limites entre dois mundos**

Francisco Mendes constitui uma antiga admiração pessoal que se liga ao período em que eu cursava Letras na UFMT, nos anos 1970 e me enveredava pela escrita de uma monografia de especialização sobre o garimpeiro de Mato Grosso, influenciada que estava pela presença do meu sogro baiano, Mário Macedo Araújo, o primeiro a trabalhar em uma lapidação de diamantes em Cuiabá, entre os anos 1948 e 1950.

Intimidada pelo ar austero do professor Francisco, descobria aos poucos a sua doçura, desprendimento e uma incrível capacidade de contar a que só tive acesso alguns anos mais tarde. O surgimento de Cuiabá, a vida monçoeira dos desbravadores à cata do ouro, os massacres indígenas, o povoamento, a ocupação da fronteira oeste do Brasil, o preconceituoso conceito de distância e isolamento de Mato Grosso, tudo isso permeado por indicações bibliográficas

---

<sup>10</sup> Cf. ----- ver as separatas dos acervos; Revista 90 Anos da AML, Cuiabá: 2011, p. 74.

que até hoje fazem sentido em minhas reflexões. E pensar que não consegui nem ligar o gravador e não tive tempo de voltar a vê-lo porque já estava de malas prontas para a derradeira viagem. Mas continuei o meu roteiro nas sementes que plantou em minha vivência acadêmica, por pistas cada vez mais verticalizadas em busca dos múltiplos sentidos que ainda estavam por ser descobertos.

Dele ficou, além da carinhosa lembrança, o legado de uma obra insistentemente revisitada. Pode-se dizer que *Lendas e Tradições Cuiabanas* e *Folclore Mato-Grossense*, ambas de 1977, são antológicas. Constituem horizontes de perspectiva entre um passado revisitado em suas longas e profícuas leituras, reflexões e escritura, e um futuro almejado, no estilo do universo utópico necessário, de Ernst Bloch. Entre a necessidade de manutenção do substrato popular e a incerteza do porvir o estudioso esteve nos limites conflituosos do passado, a ser preservado, e do futuro que significava o enfrentamento do progresso ameaçador. E é Natalino Mendes que sintetiza esse aspecto:

Francisco Mendes percebe nessa contraposição o novo sentido de que deve tomar a luta pela defesa do passado e estende o seu estudo até a própria alma do povo. Dedicase ao nosso fabulário e ao nosso folclore, procurando, através deles informar e manter a continuação histórica da nossa sociedade, perpetuando a vida da cidade na descrição de esquecidas lendas ouvidas nos serões de solar avoengo, lendas simples, histórias singelas, que assinalam, porém, a índole de um povo e definem o caráter de uma raça forte e respeitável na sua crença e na sua fé<sup>11</sup>.

Essa dualidade, ao mesmo tempo em que o coloca no conflito, dá um novo sentido ao estudo, chegando à exploração da alma do povo, através das manifestações populares. Dedicase ao fabulário, ao folclore, buscando a manutenção da continuidade histórica da sociedade e definindo a índole do

---

<sup>11</sup> MENDES, Natalino Ferreira. *Discurso de posse*. Ed. do autor, 1987, p. 21.

mato-grossense, tal qual o fizera o historiador da literatura, Sílvio Romero de quem era leitor.

Mendes tem o domínio do léxico que manuseia com prestimosa escolha a ponto de suas peças narrativas soarem como poemas.

O sentimento de pertencimento acentua em sua obra a reconstituição das imagens constituidoras da identidade mato-grossense. É ainda Natalino Mendes que trabalha com a ideia de que o seu antecessor foi professor e educador em tudo que fez, falou e escreveu. É o professor que se “lança à pesquisa histórica, ilustrando-se no conhecimento do passado da terra natal”. É o professor que se “manifesta no historiador, no jornalista, no ensaísta, no folclorista”<sup>12</sup>.

Das terras diamantinenses buscou a ciência nesta cidade de Cuiabá de onde nunca mais lhe foi dado retornar, porém continuou, na imprensa, a cantar a poesia e a riqueza do sertão nortista. Diz sobre a honra de assumir o Centro Mato-Grossense de Letras: “não é minha unicamente, mas é a glorificação do meu norte, cuja poesia está na vida livre, nas passifloras magníficas, nas campinas maravilhosas, na mata veneranda”<sup>13</sup>

No intuito, portanto, de contribuir com estes estudos já feitos pelo meu antecessor, interessa-me agora o Francisco Mendes jornalista, escrevendo ativamente n’*A Cruz*, n’*O Estado de Mato Grosso*, n’*A Revista Violeta* e como correspondente de *O Estado de São Paulo* e *O Jornal*, do Rio de Janeiro. Embora não tenha conseguido abarcar todos estes periódicos, alguns aspectos estão sendo observados, frutos de um trabalho posterior que não cabe, ainda, no espaço deste discurso.

Encontro no Discurso de recepção de Francisco Mendes na AML, feito pelo **cacerense** Oscarino Ramos, na Revista do Centro Mato-Grossense de Letras, um fragmento singular em que o juiz saúda o professor:

[...] entre a função de julgar e a de educar há uma grande e palpável afinidade. São os paralelos que correm para o mesmo destino. São dois rios que deságuam na mesma foz. São dois sacerdócios iguais [...]. O professor instruindo os cérebros

---

<sup>12</sup> Idem, p. 17.

<sup>13</sup> MENDES, Francisco A. F. *Discurso de posse*. Revista da AML, ---- p. 66.

infantis e o juiz assegurando os direitos dos seus concidadãos são fatores da grandeza de um país<sup>14</sup>.

Por sua vez, no Discurso de posse, Francisco Mendes conceitua o ato da própria escrita:

Poesia é no povo. Eu criei-me na largueza livre, correndo, bebendo nas fontes vivas e quando o calor abafava, despia-me, pendurava a roupa num galho e atirava-me n'água, nadando contra a correnteza. Poesia para mim é água em que se refresca a alma e esses versinhos que por aí andam muito medidos, podem ser água, com sabonete inglês e esponja. Eu, para mim, quero águas fartas – rio que corre ou mar que estronde. Bacia é para gente mimosa, eu sou caboclo, filho da natureza, criado ao sol.

Como se vê, Francisco Mendes deposita a crença na tradição renovada, a fé na terra e na essência da vida humana, da mesma forma como trabalhará o seu sucessor Natalino Mendes.

Por uma coincidência (ou não) a história de Francisco Mendes se uniu à minha quando, no início da carreira como professora efetiva do Estado, trabalhei na escola que, merecidamente, carrega o seu nome, no Bairro Boa Esperança, próximo à casa onde eu morava, à beira do histórico e, até então, piscoso rio Coxipó.

### **Natalino Ferreira Mendes: o pássaro-poeta**

O último ocupante da Cadeira que dignificou Mendes Malheiros, Cavalcante de Melo e Francisco Mendes, Natalino Ferreira Mendes compõe, uma linha tênue que se liga pelos estudos da cultura mato-grossense.

Pelas linhas mais interiores, do sertão nortista de Francisco Mendes à beira do caudaloso rio Paraguai de Natalino Ferreira Mendes, até que ponto o sentido do trabalho intelectual vai significar paradigma de uma época e como se pode compreender o papel que esses homens exerceram na sociedade

---

<sup>14</sup> Cf. Revista do CML

mato-grossense, tanto como cidadão empenhado, quanto como atuante membro de Instituições sociais?

Natalino Ferreira Mendes, nasceu no dia 3 de janeiro de 1924. Descende do humilde lar de Bertholdo Ferreira Mendes e Anatólia Trindade Mendes, na Rua Pe. Casemiro, esquina com a Rua Treze, até ao Sangradouro, no Bairro Cavalhada, como canta em versos:

Nessa esquina, à direita da enxurrada,  
construíra meu pai a nossa casa de morada.  
Acordei para a vida  
nesse ponto da cidade,  
e os meus encantos de criança  
eram a chuva copiosa  
de verão  
e o conseqüente escachoar  
das águas correndo  
impetuosas  
barulhentas  
por sobre o calçamento irregular  
da ladeira de pedra  
da rua Padre Casimiro (*Pássaro vim-vim*, p. 14)

Da periferia da cidade ao centro de formação da mentalidade mato-grossense, teve vida longa e produtiva. Foi um raio de sol para a família, a cidade e para várias gerações de alunos. Foi também um desses homens de fé que convencem pela postura e pela coerência, que busca a unidade na diversidade de pensamentos.

Quando adentrou a Casa Barão de Melgaço, por incentivo do amigo, na época vereador em Cáceres, Pedro Paulo Pinto de Arruda Filho, cuidou de elaborar o seu discurso de posse, ouvindo “repetirem-se no seu íntimo palavras de fogo do Senhor a Moisés, partidas da sarsa ardente: ‘Tira os teus sapatos dos teus pés, porque o lugar em que tu estás é terra santa’”. Bebendo sua inspiração no livro que costumava ter à mão, bastou-lhe, como para Moisés, apenas a fé: bastou saber que o Senhor estaria com ele.

Professou a fé, somada ao húmus da terra que, mesclado ao destas terras cuiabanas, sabiamente engrandeceu sua obra e solidificou amizades, cujos frutos colhi em cada contato mantido com os ilustres acadêmicos desta Casa. Muitos deles, amigos de longa data que me sintetizaram sua personalidade: “a cultura domesticada pela humildade, pois a humildade no sábio não é qualidade, mas condição”<sup>15</sup>. Ou ainda amigos mais jovens que passaram a admirá-lo: “elegante como pessoa e influente como intelectual”<sup>16</sup>.

Pergunto se o exercício diuturno como diretor e professor do *Colégio Onze de Março*, que ajudou a fundar, juntamente com o também idealista Capitão Candido Nunes, do 2º BFRON, aliado às extenuantes funções na administração municipal de Cáceres, moldou o seu caráter, a sua visão de mundo, a sua paixão pela terra?!

Nos lugares de memória que exploro é possível divisar imagens do homem público que exerceu a função de auxiliar-protocolista do Tesouro do Estado de Mato Grosso; diretor e professor de português do *Instituto Onze de Março* e Secretário de Administração, de Educação e Desenvolvimento Social e Chefe de Gabinete da Prefeitura Municipal de Cáceres, por mais de três décadas, sempre atento aos documentos com os quais se constituiu garimpador-de-acervo e autodidata. Pela pesquisa encontrou o sentido da própria existência, manteve-se firme na condição de pai e mestre para os 6 filhos, 13 netos e 10 bisnetos, muitos deles aqui presentes hoje. Apregoava a crença no homem e no mundo pela voz e pela pena, na ponta da qual surgiram os poemas de louvor à vida e à terra natal, como na *Lenda da Princesa do Paraguai*.

Descia o rio dos Paiaguás  
princesa linda das terras diamantinas  
do alto Paraguai.  
Vinha de longe, muito longe,  
num airoso barco ornado  
de Vitória-Régias...  
- Seu nome ninguém sabe.

---

<sup>15</sup> Palavras do Ac. Benedito Pedro Dorileo, em contato telefônico.

<sup>16</sup> Palavras do Ac. Eduardo Mahon em contato via e-mail.



Encantada com a visão  
das terras que se espraiam  
desde o rio  
até a Serrania Azul  
do lado que o sol nasce,  
à praia abicou  
no ponto em que o Paraguai  
graciosa curva descreve  
antes de procurar o sul. [...]

Em êxtase ficou  
voltada para o poente...  
Alguns naturais acorreram  
e, plantando suas choças  
de folhas de palmeira,  
fizeram-lhe a corte.

Assim nasceu Cáceres, a princesa do alto Paraguai.

*(Anhuma do Pantanal, p. 16)*<sup>17</sup>

Presentifica-se, na epopéia romântica que funda a cidade, as raízes do fabulário, aliadas às fecundas pesquisas em documentos oficiais com que construiu valioso acervo documental. Bebeu na fonte escorreita da escrita de Machado de Assis e D. Aquino Corrêa, autores que o acompanharam toda uma vida produtiva de leitura e reflexão.

O conjunto da obra o imortalizou em variados lugares de memória, como a Escola Professor Natalino Ferreira Mendes, os Auditórios da Fundação Cultural de Cáceres e na Faculdade do Pantanal/FAPAN, os trabalhos de pesquisa apresentados nas Revistas do Instituto Históricas e Geográfico de Mato Grosso e de Cáceres (IHGMT e IHGC) e na Academia Mato-Grossense de Letras/AML, nesta última atuante por 24 anos. Em todas as Instituições veiculou os escritos mais importantes sobre sua gente e sobre a História de Cáceres, cujos feitos cantou e contou nos gêneros da crônica e da poesia,

---

<sup>17</sup> De Edson Flávio Santos me vem a informação que o poema foi musicado pelo Grupo Raízes de Cáceres.

como em *Memória cacerense, Anhuma do Pantanal* (1993) e *Pássaro vim-vim* (2010), a última publicação em vida.

Entre a história e a *poiesis*, o discurso da/sobre a cidade exala o fascínio sobre os pioneiros, os símbolos perenes (e silenciosos) da memória e, principalmente, do povo e das riquezas culturais que produz. Hoje, revisitamos a história através das pesquisas que reverberam o verdadeiro sentido da imortalidade.

Cedinho levantam-se elas  
as lavadeiras  
(da minha infância).  
Preparam o 'quebra-torto'.  
Das roupas a lavar  
fazem trouxas,  
munem-se de sabão, anil e porrete.  
Tudo posto na bacia  
- alvissareiras –  
seguem para o rio  
As lavadeiras.

Lá dividem-se em setores  
no porto preferido:  
- Furadinho  
Malheiros  
Fonseca  
Dom Thomaz  
Carne Seca.

(*Pássaro vim-vim*, p. 10)

A poética, aliada à narrativa histórica, como escrevi no prefácio ao *Pássaro vim-vim*, é chave que interpenetra palavras plurais, definindo certo tom de diálogo com a memória do leitor. Modulam as frequências do coração e profusões telúricas de modo que não é de saudade que fala, mas de resíduos de lembranças que estão coladas nos compassos da vida. Há, então, certa juventude eterna e irreprimível nos versos que brotam do canto do pássaro-poeta. Essa poesia é o cântico à natureza e à cidade. O lirismo empresta ao

tom memorialista um novo matiz. Toda a memória com cheiro e cores de infância, reflete a alma de poeta romântico. Num desfilar de aves, cantos e rumores de lembranças remetem aos mais remotos pontos da cidade: na “ladeira de pedra”, no “beco das oliveiras”, na “capelinha em ruína”, no “campanário da matriz” onde Cecilinho comunicava vida e calor aos seus sinos. Evoca o que conhece e exalta, elegendo o motivo do seu canto. O poeta não quer apenas gravar a música do passado, mas sugerir-lhe o movimento, as sensações táteis e emotivas, todas testemunhas derradeiras da memória.

Como objetos desse poder linguístico estão a “mangueira deitada”, a vetusta piuveira do sangradouro, a draga fundeada no porto da Serraria Castrillon, o porto novo no velho ancoradouro do Fonseca, a Ilha de Cáceres, o Marco do Jauru, a Tapagem, o cumbaru de ouro, a casa da panela, o carro de bois, o vapor Etrúria, o lampareiro, o poaieiro, o pé-de-garrafa... filigranas delicadamente entrelaçadas, tecendo o curso da existência.

O universo todo cabe neste pedaço de chão do Pai Congo, do Padre Mira, da lavadeira Nhá Luiza, do Padre Paulo, do Silva Freire, do mano Nelson, todos, como o próprio poeta, transformados em estrelas.

O canto do pássaro, então, é a respiração do universo e traz para o poema os mais diversos sons, nele imprimindo um tenaz e contínuo movimento – metáfora da vida e dos sentimentos. A poesia tem luz, som e movimento, mobilizando os sentidos. Existe um quadro, um concerto, fenômeno de interação entre o homem e o ato recriador, permeado pelo divino, como acreditava.

O que foram, então, os 87 anos de vida perante o tempo do universo...?! Diria o confrade/amigo Silva Freire, que o recebeu solenemente nesta Casa: “é chuvisquinha, aspectos d’água sem punhos do tempo, pois não se tapa o passado, goteira-o por entre dentes”.

E é goteirando nos espaços simbólicos guardiões dos secretos motivos que unem as almas das pessoas, que se busca definir a existência (i)material de Natalino Ferreira Mendes.

Homem chão. Não viajava, pois se atravessasse a Ponte Marechal Rondon ou o Trevo de São Luis, já sentia saudades. Permaneceu nos (des)limites do rio e no encontro de caminhos da entrada da cidade, forjado

pelo silêncio orgânico das palavras. Fez do seu chão o sentido da busca da própria existência.

Por várias vezes foi homenageado com diplomas, comendas e mérito legislativo e acadêmico. Participou ativamente da vida na comunidade, contribuindo com a criação de várias instituições, dentre elas a APAE, o Hospital *O Bom Samaritano*, o IESC (embrião da UNEMAT), o Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres, dentre outras, seguindo a linha de Rubens de Mendonça da escrita da história do Brasil a partir das várias regiões culturais que compõem a sua imensa geografia.

Sua trajetória aqui atesta a “suavidade do meu caminho preparado por ele”<sup>18</sup>. Plantou sementes que fecundaram amizade e admiração sinceras, sentidas em todos os que me receberam, ajudando-me a tecer estas memórias. Neles e em todos os que compõem o campo intelectual da AML, temos configurado o quadro sistêmico da cultura brasileira produzida em Mato Grosso, para utilizar a sábia expressão do pesquisador Mário César Silva Leite, da UFMT<sup>19</sup> de cujo grupo de pesquisa tenho o prazer de participar.

Caminhando entre os atores culturais, é possível divisar, tanto a responsabilidade de que todos são revestidos, quanto o papel social a ser desempenhado, principalmente no tocante à socialização da produção. Tarefa a que tenho me empenhado nos últimos anos. Não esquecendo, porém, dos valores básicos: a sincera amizade, a partilha e, principalmente, o desenvolvimento dos valores humanos que dignificam os homens e mulheres desta Casa, preocupados que estão, também, com “o tempo presente, os homens presentes, a vida presente”, como canta Drummond.

Descubro, então, entre o legado da memória oral e escrita do meu antecessor, quatro faces do seu labor intelectual: do cronista-historiador, do professor-pesquisador, do poeta e do menino-mateiro. Todos forjados na rica experiência do lar paterno, no contato com a sala de aula e na administração pública, em cuja base corria a seiva do amor. Exercitava e pregava o maior e mais difícil dos mandamentos: “amar ao próximo como a si mesmo”. Ao final da vida fez surgir a figura do menino voltado para raízes morroqueanas. Na lida

---

<sup>18</sup> Referência feita pela Ac. Elisabeth Madureira Siqueira.

<sup>19</sup> O professor Mário é líder do atuante Grupo RG Dicke de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso (UFMT/CNPq)

com a terra, de onde brotaram as flores que ornamentam esta cerimônia, Nas conversas com o boiadeiro e na contemplação muda do etéreo reafirmou a fé nos homens e compôs hinos de louvor à vida.

Das profundas origens brotaram o cantor da terra, o visionário e o educador em busca incansável da compreensão do mundo e da consciência do dom divino que a tudo governa. Da diuturna dedicação às leituras de documentos, a produção constante em prosa e verso que ficará para além de si mesmo.

Eis o homem e a sua obra por mim definível. Mas há outros construídos por outros olhares que estão sendo revisitados pelas pesquisas em seu acervo.

Caros Acadêmicos, distinta platéia, concluo este percurso de reflexão com o que ouvi do filósofo Bertrand Russell em entrevista veiculada nas redes sociais. Indagado sobre o que diria sobre a sua vida e as lições que aprendeu, para as gerações que assistissem ao vídeo daqui a mil anos, responde com dois recados: um intelectual e outro moral.

O conselho intelectual é este: quando você está estudando um assunto, ou considerando alguma filosofia, pergunte a si mesmo, somente: quais são os fatos? E qual é a verdade que os fatos revelam? Nunca se deixe divergir pelo que você gostaria de acreditar ou pelo que você acha que traria benefícios às crenças sociais se fosse acreditado. Olhe apenas e somente para quais são os fatos [...]. O conselho moral é muito simples: o amor é sábio, o ódio é tolo. Nesse mundo que está ficando mais interconectado, temos que aprender a tolerar uns aos outros, aceitar o fato de que algumas pessoas dizem coisas que não gostamos. Só podemos viver juntos dessa forma, se nós vivermos juntos e não morrermos juntos precisamos aprender a bondade da caridade e da tolerância. O que é absolutamente vital para a continuação da vida humana neste planeta.

O pouco que conseguimos conhecer e sentir sobre Natalino Ferreira Mendes nos mostra que estava no cultivo do recado moral do filósofo, pois

durante toda a vida soube cultivar o Amor, a bondade e a tolerância, herança da qual se orgulhava de ter deixado para os descendentes.

Minhas derradeiras palavras são de gratidão e calorosa homenagem. Aos meus amigos presentes (e ausentes), mas sempre irmanados; aos alunos, ex-alunos e orientandos, aqui representados pelo artista-pesquisador que me emprestou a voz na interpretação do poema-símbolo *Pássaro vim-vim*, o doutorando em Estudos Literários Edson Flávio Santos. Vocês constituem memórias perenes do meu apredizado.

Aos familiares aqui representados pela figura da minha amada mãe e meu tio-mestre, Fausto Furlan, baluartes desta família, presentificando meu ausente pai, figura indecifrável na lembrança que acalenta nossa alma. Ele está aqui, em cada palavra e neste meu momento tão especialmente pensado por ele, ecoando, ainda, o derradeiro recado de não perdermos o encantamento pelo mundo, tomando por empréstimo o olhar da criança, a capacidade de fascinação, de êxtase diante das pequenas coisas, da forma como fez.

Obrigada!